



**N**este nosso mundo cheio de desconhecidos, separados do seu próprio passado, cultura e país, dos seus vizinhos, amigos e família, do seu âmago mais profundo e do seu Deus, testemunhamos uma busca dolorosa por um lugar hospitaleiro onde a vida possa ser vivida sem medo e onde a comunidade possa ser descoberta.

Embora muitos, podemos até dizer a maioria, dos desconhecidos deste mundo se tornem vítimas fáceis de uma hostilidade assustadora, é possível aos homens e às mulheres, e obrigatório para os cristãos, oferecer um espaço hospitaleiro onde os desconhecidos possam pôr a sua singularidade de parte e tornarem-se irmãos.

A passagem da hostilidade à hospitalidade é dura e cheia de dificuldades. A nossa sociedade parece ter cada vez mais pessoas assustadas, defensivas e agressivas, ansiosamente agarradas aos seus bens materiais e inclinadas a olhar o mundo que as rodeia com desconfiança, sempre à espera que surja um inimigo, que se introduza à

força e as magoe. Apesar disso, a nossa vocação continua a ser converter o que vemos como um ser hostil em hóspede, o inimigo em convidado, e criar o espaço livre e sem medo onde os laços fraternos se possam formar e ser experimentados em profundidade.

(Henri Nouwen, *Crescer Os Três movimentos da Vida Espiritual*)



**P**enso sem certezas que sensato é abrir a porta e deixar entrar, pôr a mesa e guardar um lugar para quem vier. É acreditar no milagre. [...]

(Daniel Faria, *Sétimo Dia*)



**N**ão acredito que cada um tenha o seu lugar. Acredito que cada um é um lugar para os outros.

(Daniel Faria, *O Livro do Joaquim*)

Comité Organizador Vicarial (COV)

Encontro Formativo e Informativo

Comité Organizador Paroquial (COP)

## LEVANTA-TE Cristo vive em ti

Depois de Maria acolher o nascimento de Jesus, o Hóspede Divino, na Anunciação, é Isabel quem primeiro nos aparece na longa lista daqueles a quem Jesus se acolhe. Ao longo dos evangelhos, são muitos os que descobrem a alegria de receber Jesus, muitas vezes à mesa, das bodas de Caná aos discípulos de Emaús, dos fariseus aos publicanos Levi e Zaqueu, da família de Betânia aos discípulos na margem do lago.

A alegria de Isabel e do menino João no seu seio, ao receber Maria e o filho que carrega, é a alegria de todos quantos acolhem com generosidade e descobrem como Deus corresponde de modo sobreabundante. Assim vemos já no Antigo Testamento, quando Abraão acolhe os três homens em Mambré e recebe o anúncio do nascimento de um filho (Gén 18, 1-15)

ou quando a viúva de Sarepta acolha Elias com o seu último pão e recebe a abundância de alimento e a ressuscitação do filho (Reis 17, 9-24).

A Carta aos Hebreus (13, 2), ensina a praticar a hospitalidade, pois assim «alguns acolheram anjos» e S. Bento, na sua Regra, manda aos seus monges que «todos os hóspedes que se apresentem sejam recebidos como se fosse o próprio Cristo, pois Ele dirá: “Fui hóspede, e recebeste-me”».

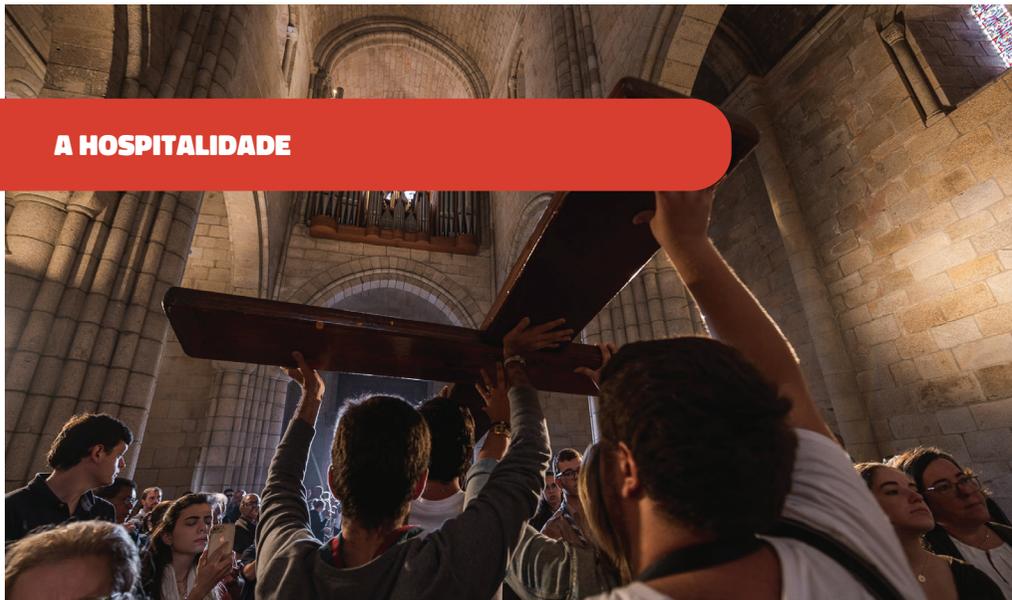
Olhando o exemplo de Isabel, somos convidados a entrar nesta longa tradição de acolher e hospedar como quem recebe o próprio Cristo, recebendo os jovens que, antes da Jornada Mundial da Juventude, virão participar nos dias preparatórios na nossa diocese do Porto.

## Um Porto de Abrigo

COD  
**PORTO**

INFO NOVEMBRO 2022

## A HOSPITALIDADE



Vivemos num tempo social caracterizado pela pluralidade e pela diferença. Esta diferença precisa de ser olhada como riqueza, como fator positivo, como oportunidade de fecundidade. Damo-nos conta de que os outros são diferentes de nós, mas, também nós, somos diferentes entre nós. Hoje em dia, não podemos olhar só para o estrangeiro como diferente. O nosso vizinho, o nosso amigo... somos diferentes uns dos outros. E neste cenário de todos diferentes, é necessário focarmo-nos sobre o valor humano. Precisamos de olhar para o ser humano como pessoa, como alguém dotado de dignidade, como alguém que tem valor em si.

A hospitalidade relaciona-se, diretamente, com a vontade de partilhar, tão própria do ser humano. Aquele que acolhe é capaz de partilhar do seu espaço e tempo com um estranho e vulnerável, porque tem vontade de partilhar. A esta vontade natural, precisamos de acrescentar o sentido de bem para o outro, o seu bem estar e saúde. Não basta, então, partilhar o espaço, as coisas. Importa este dinamismo do coração que dá atenção no sentido do bem para o que é acolhido. Receber bem não depende, exclusivamente, das condições económicas e sociais mas da capacidade de olhar por e para aquele que se acolhe na própria casa.

Neste olhar entra também a capacidade de escuta. A receção do estranho requer a prática da escuta e uma escuta de qualidade. Só se pode responder adequadamente às necessidades do

outro se primeiro o escutarmos. Estar recetivo ao outro implica que o escute, que manifeste a máxima atenção à sua presença para que se sinta compreendido.

A forma como se acolhe o estrangeiro é a pedra de toque para avaliar a capacidade humana de uma sociedade. A verdadeira hospitalidade é, então, um valor que nos interpela porque nos obriga a abrir a casa e o coração e o ser humano tende a fechar-se nas suas seguranças. A sua prática requer a superação da lógica da diferença e obriga a explorar o que nos une ao outro, esse outro desconhecido que nos interpela com a sua diferença.



No fundo, a prática da hospitalidade só pode existir numa base de confiança entre o que acolhe e o que é acolhido. O que recebe confia naquele que é recebido e convida-o a entrar em sua casa; mas o que é acolhido também confia no que acolhe. Confia que o vai acolher dignamente. O que acolhe expõe-se ao que vai ser acolhido, mostra-se tal como é, oferece a sua casa e o que há nela para que o que chega se sinta acolhido, considerando que o mais relevante da casa não são os objetos mas as relações afetivas que aí se vivem



A hospitalidade consiste em acolher uma pessoa desconhecida e vulnerável. Vulnerável porque exposta a deixar-se magoar por outro, suscetível a ser ferido. Impele a acolher quem vem necessitado de acolhimento, de atenção e escuta.

O ser humano está feito de tal natureza que necessita de estruturas de acolhimento para se desenvolver e a primeira é o seio materno. O exercício da maternidade é a grande metáfora da hospitalidade, pois a mulher que o exerce cria, dentro de, si um espaço para acolher o outro.



"Não deixa de ser paradoxal e misterioso que o Totalmente Outro, que o Deus onipotente, na sua revelação definitiva na história, requeira o corpo de uma mulher para ser acolhido. A sua presença carnal no mundo escolhe uma forma vulnerável, precisa do seio de Maria para poder desenvolver-se e crescer como homem. O corpo de Maria é, portanto, a casa de Deus encarnado, a primeira estrutura de acolhimento de Deus no mundo. Ma-

ria atua como hospedeira de Deus na história da humanidade: mas não só ela; também José, que o acolhe na sua família."<sup>3</sup>



O corpo de Maria transforma-se, intensamente, como consequência deste acolhimento e não só o seu corpo, mas a sua vida inteira. O Outro estranho - Deus - é recebido no corpo de uma mulher. A vulnerabilidade de Deus encarnado expressa um rasgo essencial da revelação de Deus na história. Deus adota a forma de servo, faz-se vulnerável e requer ser acolhido. Deste modo indica que o caminho para Ele não passa pela força, mas pela simplicidade e atitude de disponibilidade.

Acolher é um ato gozoso. Quem abre a sua porta acredita que acolhe um ser digno de amor, um ser amável em si e digno de proteção. A hospitalidade é uma atividade que nos permite descobrir novas simpatias. A essência da hospitalidade consiste, finalmente, em questionar a ideia de que existem fronteiras que não se podem cruzar.

